

TRADUÇÃO DA CRÔNICA “¡ESTAS MUJERES!” DE RUBÉN DARÍO

Naylane Araújo Matos – naylaneam@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do grupo de pesquisa Literatura, História e Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR), da Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO: Esta é uma tradução da crônica “¡Estas mujeres!”, de Rubén Darío (1867-1916), considerado o iniciador do modernismo literário em língua espanhola. Nessa crônica, publicada em 1912, o escritor nicaraguense aborda questões do feminismo na França e Inglaterra, concentrando-se, sobretudo, na presença da mulher na política. A tradução está pautada em uma leitura/interpretação feminista, uma vez que tradução é o ato supremo da compreensão de um/a tradutor/a. Durante minha leitura, almejei trabalhar com a linguagem do texto, explorando os recursos linguísticos e as questões retóricas. Portanto, o exercício político da minha tradução foi construído na retoricidade linguística utilizada por Darío. Embora o cronista pareça endossar um discurso hegemônico e sexista, no texto há elementos linguísticos que evidenciam um tom irônico. Desse modo, busquei enfatizar a ironia a fim de acentuar a dubiedade da perspectiva feminista do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Rubén Darío; Feminismo; Tradução

Estas mulheres!

Seguindo as alvoroçadas inglesas, eis que também nesta França do encanto feminino, as mulheres querem votar, e querem ir ao Congresso. Tenho aqui umas quantas fotografias dessas políticas. Como podes adivinhar, todas são feias; e a maior parte mais que roliças. O feminismo lhes acendeu o entusiasmo. Há que se fazer algo mais que murmurar, pirografar, ou criar gatos e cachorros. A primeira a apresentar-se candidata foi madame Marguerite Durand, senhora de certo talento e atividade, fundadora da desaparecida *Fronde*, com suas letras, sua facilidade de palavra e sua frescura. Para reforçar seus argumentos em favor do voto feminino, apresentou um idiota em uma conferência, coisa que nem todos os espectadores agradeceram. Como em Paris há entre a maioria das mulheres maior delicadeza e bom gosto que em Londres, creio que não veremos aqui os escândalos ora grosseiros, ora cômicos das sufragistas britânicas. Mas tudo pode acontecer, embora o ridículo da vida parisiense mate toda incongruência.

Que as mulheres persistam em querer fazer muitas coisas que fazem os homens e que há algumas que superam a competência masculina: perfeito. Está melhor madame Paquin que monsieur Paquin na fábrica de trajes. E se madame Curie sabe tanto quanto monsieur Curie, segundo demonstra, bem está, com o aplauso de todos em sua cátedra. Sarah Bernhardt merece a Legião de Honra, como artista, mais que qualquer barbeado ou barbudo *m’as-tu-vu* [presunçoso] da Comédie Française. Uma ou outra mulher-macho se distinguiu em explorações e incursões por terras selvagens ou lugares inacessíveis. Nada há que alegar contra. As pintoras da legião e as romancistas e poetas já não se podem contar. Dedicam-se a esses *sports* como a qualquer outro e há musas muito recomendáveis. Mas essas marias-joão – suavizemos a palavra – que se acham próprias para as farsas públicas em que os homens se distinguem e que, como Durand, se adiantam em tomar papel na sainete¹ eleitoral, merecem o escárnio.

Se vivesse o Condestável Barbey!

Graças a Shakespeare, podemos aceitar as advogadas. Mas prefeitas, deputadas e senadoras! Isto passa do aristofanesco. De Aristófanes para apaches é a cena que ocorrera dias passados. Pronunciava a citada candidata um de seus discursos de propaganda, quando um homem do povo gritou do seu assento:

---- Quem vai remendar as meias agora?

Respondeu-lhe a aludida:

---- Quem for usar que as remendem.

E uma das partidárias de Durand, dirigindo-se a esta:

---- Não faça caso. Esse que fala seguramente não usa meias.

E o desenvergonhado, esforçando-se para tirar seus grossos sapatos:

---- Agora vão ver se eu uso ou não uso.

É nisso que vamos parar com o famoso feminismo?

Um escritor discreto, monsieur Balby, acaba de dizer: “Vivemos vinte séculos com a ideia, que parecia decisiva, de que nossas mulheres, nossas associadas, nossas *ménagères*, tinham por tarefa principal velar pelo lar, pela *home*; trabalhar a sua maneira pelo bem da comunidade. Certamente, a

¹ Comédia curta do teatro espanhol.

lei, feita pelos homens, era mal feita, injusta, oprimia a mulher, não lhe deixava nenhuma liberdade e nem sequer o direito de dispor do seu salário. E a campanha feminista, que pede a supressão desses abusos, teve o apoio e a aprovação de todos os homens que não eram nem egoístas nem tiranos. Mas, quando essas damas pretendem todos os direitos e renunciam todos os deveres, quando querem encarregar-nos de remendar as meias, elas que não sabiam e não podiam dedicar-se ao trabalho do homem, a seu esforço físico e intelectual, nos mostram o fundo de seus sentimentos. ---- Que são elas? Nada. ---- Que querem ser? Tudo. Aos homens, resta saber se aceitam essa resolução”.

Muito discreto isso. Mas monsieur Balby podia perceber que as propagandistas são somente umas quantas, velhas e feias. As poucas jovens e algumas bonitas, se o fazem, fazem para divertir-se. As demais mulheres, de beleza ou de graça, seguirão exercendo o único ministério que a lei da vida tem determinado para elas: o amor no lar, ou o amor na liberdade.

TEXTO FONTE

¡Estas mujeres!

Siguiendo a las alborotadoras inglesas, he aquí que también en esta Francia del encanto femenino las mujeres quieren votar, y quieren ir al Congreso. Tengo a la vista unas cuantas fotografías de esas políticas. Como lo podréis adivinar, todas son feas; y la mayor parte más que jamonas. El feminismo les ha encendido el entusiasmo. Hay que hacer algo más que murmurar, pirografiar, o criar gatos y perros. La primera en presentarse candidata ha sido madame Marguerite Durand, señora de cierto talento y actividad, fundadora de la desaparecida *Fronde*, con sus letras, su facilidad de palabra y su frescura. Para reforzar sus argumentos en favor del voto femenino, presentó en una conferencia a un idiota, cosa que no todos los espectadores le agradecieron. Como en París hay entre la mayoría de las mujeres mayor delicadeza y buen gusto que en Londres, creo que no veremos aquí los escándalos, ya groseros, ya cómicos, de las sufragistas británicas. Pero todo puede suceder, aunque el ridículo en la vida parisense mata toda incongruencia.

Que las mujeres persisten en querer hacer muchas cosas que hacen los hombres y que hay algunas que superan la competencia masculina: perfectamente. Está mejor madame Paquin que monsieur Paquin en la fábrica de trajes. Y si madame Curie sabe tanto como monsieur Curie, según lo demuestra, bien está, con el aplauso de todos, en su cátedra. Sarah Bernhardt merece le Legión de Honor, como artista, más que cualquier afeitado o barbudo *m'as-tu-vm* [presumido] de la Comedie

Française. Una que otra virago se ha distinguido en exploraciones e incursiones por tierras salvajes o lugares inaccesibles. Nada hay de argüir en contra. Las pintoras de la legión y las novelistas y poetisas ya no pueden contarse. Se dedican a esos *sports* como a cualquier otro, y hay musas muy recomendables. Pero estos marivarones – suavicemos la palabra – que se hallan propias para las farsas públicas en que los hombres se distinguen y que, como la Durand, se adelantan a tomar papel en el sainete electoral, merecen el escarmiento.

¡Si viviese el condestable Barbey!

Gracias a Shakespeare podemos aceptar las abogadas. ¡Pero las alcaldesas, diputadas y senadoras! Ello pasa de lo aristofanesco. De un Aristófanes para apaches es la escena de ocurrió días pasados. Pronunciaba la citada candidata uno de sus discursos de propaganda, cuando un hombre del pueblo gritole desde su asiento:

--- ¿Quiénes van a remendar ahora los calcetines?

A lo que respondió la aludida:

--- Los remendarán los que los usen.

Y una de las partidarias de la Durand, dirigiéndose a esta:

--- No le haga caso. Ese que habla seguramente no usa calcetines.

Y el truhán, esforzándose por quitarse sus gruesos zapatos:

--- Ahora van a ver si los uso o no los uso.

¿En eso vamos a parar con el sonado feminismo?

Un escritor discreto, monsieur Balby, acaba de decir: “Hemos vivido veinte siglos con la idea, que parecía decisiva, de que nuestras mujeres, nuestras asociadas, nuestras *ménagères* tenían por tarea principal velar por el hogar, por el *home*; trabajar a su manera por el bien de la comunidad. Ciertamente, la ley, hecha por los hombres, era mal hecha, injusta, oprimía a la mujer, no le dejaba ninguna libertad y ni aun el derecho de disponer de su salario. Y la campaña feminista, que reclama la supresión de esos abusos, tuvo el apoyo, la aprobación de todos los hombres que no eran ni egoístas ni tiranos. Pero, cuando esas damas pretenden todos los derechos y rehúsan todos los deberes, cuando quieren encargarnos de remendar los calcetines, ellas que no sabrían y no podrían dedicarse al trabajo del hombre, a su esfuerzo físico e intelectual, nos muestran el fondo de sus

sentimientos. ---¿Qué son ellos? ---Nada. ---¿Qué quieren ser? ---Todo. A los hombres toca saber si aceptarán esa resolución”.

Muy discreto esto. Pero podía fijarse monsieur Balby en que las propagandistas son solamente unas cuantas, viejas y feas. Las pocas jóvenes y algunas guapas, si lo hacen, lo hacen por divertirse. Las demás mujeres, de belleza o de gracia, seguirán ejerciendo el único ministerio que la ley de la vida ha señalado para ellas: el amor en el hogar, o el amor en la libertad.

REFERÊNCIA

DARÍO, Rubén. *Viajes de un cosmopolita extremo*. Selección y prólogo de Graciela Montaldo. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

Title

Translation of the chronicle “¡Estas mujeres!” by Rubén Darío

Abstract

This is a translation of the chronicle “¡Estas mujeres!” by Rubén Darío (1867-1916), author considered the pioneer of the literary modernism in Spanish. In this chronicle, published in 1912, the Nicaraguan writer approaches questions of feminism in France and England, concentrating specially in woman’s presence in the politic. The translation is guided by a feminist reading/interpretation since translation is the supreme act of a translator comprehension. During my reading, I aimed to work with the text language, exploring linguistic resources and rhetorical questions. Therefore, the political exercise of my translation was built on linguistic rhetorical. Although the chronicler seems to endorse a hegemonic and sexist discourse, there are linguistic elements in the text that highlights an ironic mood. Thus, I searched to emphasize the irony in order to accentuate the dubiousness of feminist perspective of the text.

Keywords

Chronicle; Rubén Darío; Feminism; Translate.

Recebido em: 22/08/2017.

Aceito em: 30/11/2017.